

“LADY GAGA ME SALVOU”: MÚSICA POP, DIVAS, IMAGINÁRIOS MIDIÁTICOS E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS SOCIAIS HOMOSSEXUAIS DISSIDENTES

“Lady Gaga saved me”: pop music, divas, imaginary media and dissidents homosexual social spaces constructions

Benhur Pinós da Costa¹

RESUMO

O texto enfoca um dos resultados de pesquisa com jovens homens gays da cidade de Dourados, MS. Aborda a relação de identificação destes jovens com as cantoras ou “divas” da música pop norte-americana, principalmente Lady Gaga e Madonna. Esta identificação está relacionada com as possibilidades de expressão de suas homossexualidades em cidades pequenas e médias. O texto trabalha teórico e metodologicamente a relação das mídias com os processos de identificação e produção dos comportamentos, éticas e estéticas juvenis. Relaciona a isto a construção de espacialidades dissidentes no cotidiano pela produção de ações e estéticas corporais individuais e coletivas que objetivam assunção das subjetividades afetivo-sexuais homoafetivas.

Palavras-chave: Identidade. Homossexualidades. Divas da música pop. Espaços sociais.

ABSTRACT

The text focuses on one of the results of research with young gay men in the city of Dourados, MS. It addresses the relationship of identification of these young people with the singers or “divas” of American pop music, mainly Lady Gaga and Madonna. This identification is related to the possibilities of expression of their homosexuality in small and medium cities. The text works theoretically and methodologically the relationship of the media with the processes of identification and production of youth behaviors, ethics and aesthetics. It relates to this the construction of dissident spatialities in daily life by the production of individual and collective body actions and aesthetics that aim to assume homo-affective affective-sexual subjectivities.

Keywords: Identity. Homosexualities. Pop music divas. Social spaces.

¹ Professor no Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria. benpinos@gmail.com.
✉ Avenida Roraima, 1000, Prédio 17, Sala 1106, Bairro Camobi, Santa Maria, RS. 97105-900.

INTRODUÇÃO

“Lady Gaga me salvou...”. “Me percebi realmente gay quando assisti pela primeira vez o clipe ‘Hung Up’ de Madonna”. Estas duas frases são narrativas trazidas de atividades de entrevistas, produzidas no formato de rodas de conversas, com jovens homens gays da cidade de Dourados, MS. O contexto da experiência marcante foi o desenvolvimento do projeto de pesquisa “Cidades brasileiras, espaço público e diversidades culturais: o caso das microterritorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas”, financiado pelo edital Universal CNPq, de 2012. Tal projeto entrevistou sujeitos LGBTQI+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, *queers*, intersexuais e outros mais) em cidades médias brasileiras, procurando entender as relações entre suas sexualidades, seus cotidianos e as cidades onde habitavam. Pontuamos cidades médias, distantes das capitais dos Estados do Brasil, observando as táticas e as *performances* afetivo-sexuais dos LGBTQI+ em lugares onde o mercado, destinado às diversidades sexuais, ainda se demonstrava com desenvolvimento incipiente (nos quais os bares e as boates, como lugares de sociabilidade e afirmação identitária (PEREIRA; AYROSA; OJIMA, 2006), ainda são restritos).

A questão da abordagem sobre sociabilidades LGBTQI+ e cidades pequenas e médias é um fundamento importante neste trabalho. Conforme a argumentação acima, a propagação urbana de um conjunto de estabelecimentos de mercado de diversão destinados às diversidades de orientações sexuais e de identidades de gênero é importante para os processos de identificação dos sujeitos sociais, principalmente quando o desenvolvimento da identidade, como a homossexual, é estigmatizado (PLUMMER apud WEEKS, 1999).

Silva (2009) e Silva e Ornat (2010) elaboram a ideia de que as relações socioespaciais comuns estão configuradas a partir de padrões

de comportamentos e identificações hegemônicas baseadas na cisheteronormatividade. Neste sentido, as convivências socioespaciais de sujeitos, cujas suas identidades são desviantes destes padrões, se tornam interdidas: sexualidades não normativas, dissidentes da heterossexualidade, e identidades de gênero, fora do padrão cisgênero, encontram dificuldades de serem, estarem e se relacionarem no espaço social. Por outro lado, principalmente nas grandes cidades, o mercado de diversão, sobretudo noturno, produziu, desde a emergência do capitalismo flexível e de serviços (JAMESON, 1991), a partir dos anos de 1970, uma série de estabelecimentos comerciais para consumo e convivência de pessoas dissidentes de identidades normativas, como é o caso da expansão dos lugares comerciais de diversão gay. Neste sentido, é de se pontuar que a constituição deste sistema de mercado oportunizou para muitos sujeitos os encontros e as expressões coletivas de suas sexualidades. Ao mesmo tempo em que o mercado de serviços lucra com estas populações, sua existência é importante para a constituição das suas identidades. Costa (2002) observa este fenômeno com a emergência das territorializações de uma condição homossexual estigmatizada: é necessário o território (principalmente os estabelecimentos de diversão noturna) para que homens gays, por exemplo, vivam suas afetividades, protegidos das discriminações sofridas no espaço social cisheteronormativo.

Mas a questão aqui se refere às diferenças entre as cidades, principalmente porque elas se distinguem em relação a seus tamanhos, em termos de adensamento populacional (pequenas, médias e grandes cidades), mas, também, em relação a seus papéis que exercem em uma rede urbana. Pressupõe-se que cidades pequenas apresentem um sistema comercial menos diversificado e que os estabelecimentos de diversões noturnas ainda não estão de acordo com perspectivas cosmopolitas, além dos determinantes pautados nos encontros e relacionamentos cisheteronormativos.

Estudos de Costa (2011; 2012a), por exemplo, abordam pesquisas sobre convivências de homens gays tanto em cidades grandes, como São Paulo e Porto Alegre, como em cidades médias, como em Presidente Prudente, SP, e cidades pequenas, como em Bagé e Cruz Alta no Rio Grande do Sul. Neste sentido, conclui-se que o mercado de diversão noturno, notadamente desenvolvido em cidades grandes, contribui significativamente para a constituição e afirmação de identidades LGBTQI+ e que em cidades pequenas tais sujeitos encontram possibilidades muito restritas de viverem suas sexualidades dissidentes. Por outro lado, quaisquer investimentos que alterem o papel de uma suposta cidade pequena na rede urbana a que pertence, possibilita o incremento de espaços de diversão noturnos e, assim, tende dinamizar a constituição de lugares de sociabilidades não hegemônicas, como observado em Bagé, devido à construção do centro universitário da UNIPAMPA, como trabalhou Costa (2012b).

Por outro lado, os mesmos trabalhos de Costa (2012a; 2012b) também observam que existem táticas de sociabilidades homoeróticas em espaços públicos que produzem apropriações diferenciadas em cidades pequenas, não necessitando, efetivamente, da determinação de um estabelecimento comercial de diversão específico para tais encontros. O mercado de diversão LGBTQI+ em cidade grandes é importante para a constituição das práticas afetivas e das identidades, no entanto existem potencialidades diversas em outros contextos urbanos em que este mercado não é desenvolvido. Dessa forma temos os seguintes paradoxos: 1) o mercado de diversão LGBTQI+ é mais desenvolvido da pequena cidade para a grande cidade; 2) dessa forma, as grandes cidades possibilitam maiores oportunidades para sociabilidade de pessoas LGBTQI+ e, em consequência, são importantes para a constituição de suas identidades; 3) das cidades médias para as pequenas as pessoas dissidentes dos padrões de comportamento

e identidades cisheteronormativas estão mais sujeitas a interdição espacial, porque não encontram em seus cotidianos os espaços de sociabilidades específicos para demonstração de suas afetividades e promoção de seus encontros; 4) no entanto, isso não quer dizer que as suas identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes estejam anuladas efetivamente: táticas se produzem constituindo outras formas de encontros em lugares inusitados do espaço social restrito para estas sociabilidades.

O debate deste artigo foi gerado em virtude de uma narrativa de um jovem homem gay que vivia em um contexto urbano de pequena cidade, restrito às sociabilidades de pessoas LGBTQI+. Tal jovem encontrou no espaço midiático os elementos simbólicos interessantes para constituir-se como homem gay: no caso, os discursos sobre as diferenças de gênero e de sexualidades das cantoras e *performers* como Madonna e Lady Gaga. Neste sentido, comprovaram-se as dificuldades que tais sujeitos encontram para se relacionarem e viverem suas sexualidades nas cidades pequenas e a necessidade de emigrarem: o jovem em questão encontrou possibilidades efetivas de sociabilização após mudar-se, para cursar uma graduação, para a cidade média de Dourados, MS.

O projeto, como um todo, obteve resultados a partir de rodas de conversas estabelecidas com pessoas de orientação sexuais e/ou identidades de gênero LGBTQI+ nas cidades médias de Santa Maria, RS, Presidente Prudente, SP, Dourados, MS, Vitória da Conquista, BA e Santarém, PA. Moura e Lima (2014, p. 99) entendem a “roda de conversa” como um instrumento metodológico que possibilita a criação de um “espaço de formação, de trocas de experiências, de confraternização, de desabafo”. Na pesquisa aqui tratada, as rodas de conversas permitiram estabelecer um contexto de diálogo aberto e franco com os sujeitos pesquisados, no sentido de construir uma

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

oportunidade descontraída e informal de narração, a fim de trazer à tona, no espaço de trocas coletivas, as memórias sobre experiências vividas por cada um(a). Neste processo, o pesquisador se tornou mais um dos sujeitos participantes, também incluindo suas narrativas (de suas experiências) nas trocas discursivas da roda. Importante dizer que o pesquisador se incluiu entre as condições de identidades LGBTQI+ de seus sujeitos pesquisados, também respondendo as demandas criadas a cada momento no espaço de discussão. A dinâmica se procedeu mediante incitação de temas que foram lançados para serem discutidos entre todos(as) participantes. A roda de conversa, assim, não separou, em suas dinâmicas, aquele que fala sobre suas experiências e àquele que pergunta sobre as experiências dos outros, ou seja, o pesquisador. Para que as pessoas se sintam à vontade em “desabafar” sobre seus problemas e se emocionar sobre suas alegrias, a sensação de ser entrevistado, devido o motivo de colaborar com uma pesquisa, deve ser amenizado pela intimidade promovida entre os presentes. Neste caso, é de fundamental importância o próprio pesquisador se considerar como pesquisado e aquele que também narra sobre as suas experiências perante o encontro promovido.

Os grupos de debate organizados para a pesquisa foram de diferentes formatos e tamanhos, mas, em todos os casos, encontramos a **oportunidade principal de entrevistar homens gays cisgêneros de diferentes idades**. Dessa forma, gostaríamos de frisar, o principal foco de discussão deste trabalho são as **experiências socioespaciais de homens gays**. Em Presidente Prudente-SP foram entrevistados dois grupos: o primeiro de quatro sujeitos, na casa de um dos colaboradores entrevistados (o grupo foi organizado pelo Professor Antônio Bernardes – UFF); o segundo, organizado pela ativista Renata Souza (GESG – Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Cidadania), com quatro sujeitos, se encontrou na sede do Partido dos Trabalhadores

da Cidade. No primeiro grupo tínhamos a presença de homens gays cisgêneros universitários, com faixa etária entre 20 e 30 anos; igualmente ao segundo, com a diferença de não serem universitários e apresentarem idades próximas aos 30 e 40 anos. Na cidade de Santarém foi entrevistado um casal homoafetivo (dois homens gays cisgêneros) na própria casa deste casal; um grupo de três homens gays cabeleireiros, no salão de beleza que eram proprietários (também homens gays cisgêneros) e outro grupo de cinco colaboradores, na casa de um militante do Grupo Gay de Santarém (também de homens gays cisgêneros). Em Santarém os grupos foram organizados por Josevaldo França, líder do Grupo Gay de Santarém. Na cidade de Vitória da Conquista foram organizados por Danilo Bitencourt (Assessor Técnico de Políticas para a Diversidade da Prefeitura da cidade) dois grupos: uma entrevista aconteceu em uma atividade de festa e de almoço na casa de uma liderança LGBTQI+ local, em que pudemos contar com um grupo de conversa de 8 participantes (neste grupo mantivemos a única experiência com uma mulher transgênero entre o grupo de maioria homens gays cisgêneros); outra entrevista foi na casa de um grupo de amigos adolescentes LGBTQI+, cujos participantes foram cerca de oito pessoas também (grupo de adolescentes gays conhecidos como família Lavinsky. Esta última entrevista foi trabalhada em Costa (2017). Percebemos que, como resultado geral do projeto, teríamos discussões estabelecidas, eminentemente, por homens gays e, em sua maioria, que apresentavam proximidades de relações sociais ora com o espaço universitário, ora com os movimentos sociais LGBTQI+ das cidades envolvidas.

As entrevistas em Dourados foram produzidas em maio de 2014. Previamente estabelecemos contatos com lideranças LGBTQI+ locais, no entanto, no momento da chegada à cidade, elas se demonstraram pouco disponíveis em ajudar. Foi mediante contato com jovens

estudantes da Universidade Federal de Dourados que conseguimos estabelecer algumas entrevistas, principalmente com apoio de um estudante de psicologia, Luan Schwinn, pertencente ao “Coletivo Olhares”², que reuniu um grupo de mais cinco jovens estudantes universitários, no qual conseguimos organizar um diálogo bem descontraído e esclarecedor sobre suas vidas e suas sexualidades vividas em Dourados. A pesquisa prosseguiu com um parâmetro fenomenológico (MELLO, 2005), centrado nas experiências vividas pelos sujeitos no espaço social, principalmente enfocando as questões referentes às suas expressões de homossexualidades, além de suas construções estéticas e comportamentais, assim como o desenvolvimento deles como sujeitos (homo)sexuais. Isso foi relacionado à estratégia de organização e desenvolvimento de “rodas de conversa”.

As rodas de conversa foram um formato importante porque o pesquisador dependia de recursos escassos para estar presente nas cidades durante curto período de tempo. Neste sentido, foi pensada esta estratégia como uma forma de contato com um grupo de pessoas que já se conheciam (ou um grupo de amigos e/ou ativistas locais), facilitando o processo de inserção do pesquisador ao grupo pesquisado. O principal desafio seria, então, contornar o tempo (supostamente longo) em se estabelecer entre o grupo pesquisado, no sentido de se fazer confiável entre os sujeitos: seria, então, necessário organizar um “espaço” de discussão reconhecido por todos e todas e, assim, o ensejo de se fazer em grupos constituídos de círculos de amizades se tornou muito eficaz. A estratégia, então, teve na roda de conversa um instrumento importante, devido: 1) todos os grupos foram formados entre pessoas amigas; 2) os grupos foram organizados pelo contato

prévio de um sujeito-chave que fazia parte do próprio grupo de amizade; 3) os lugares de desenvolvimento das rodas de conversa sempre foram lugares já frequentados pelos sujeitos dos grupos de amizade; 4) o pesquisador manteve sempre uma postura de horizontalidade, sendo ele mesmo que perguntava, mas também que respondia os temas propostos nas conversas; 5) a abertura tática à inserção e ao estímulo de outras tantas perguntas e temas que surgiam entre os sujeitos diferentes dos grupos de amizade, assim como a incitação de diálogos abertos sobre contestações e colaborações livres de todos os participantes entre as narrativas estabelecidas por cada um.

Como argumentamos, o pesquisador dependia do contato prévio, via telefone, e-mail ou aplicativos de conversas virtuais, com sujeitos-chave das cidades escolhidas para o trabalho. Estes sujeitos-chave, mediante contato constante com o pesquisador, ajudaram na escolha dos sujeitos que participaram das rodas de conversa e do agendamento da atividade mediante disponibilidade de todos. As próprias cidades foram escolhidas em virtude da oportunidade de se encontrar algum coletivo ou grupo político organizado de lideranças LGBTQI+ locais, via pesquisa de internet. Na cidade de Dourados, esta negociação não se efetivou com a primeira liderança que fora feito contato, somente estando na cidade, em conversa com lideranças do “Grupo Olhares”, de estudantes universitários, que o pesquisador conseguiu, efetivamente, estabelecer as conversas em roda.

As atividades eram estabelecidas mediante um conjunto de perguntas abertas pré-estabelecidas pelo pesquisador, que versavam, principalmente, sobre as experiências (homo)sexuais dos sujeitos entrevistados e as formas de construção da identidade homossexual de cada um. Outro bloco de perguntas versava sobre os lugares de sociabilidade homoafetivas da cidade, incluindo estabelecimentos comerciais e espaços públicos, tanto para as atividades festivas como

² Agradecemos ao professor Jones Dari Goettert, da Universidade Federal de Dourados, por nos ajudar no contato com os integrantes do Coletivo Olhares.

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

para as práticas sexuais homoeróticas. Em terceiro plano, existia um bloco de perguntas que versava sobre as lutas de reconhecimento estabelecidas, desde suas relações mais pessoais, até o envolvimento com grupos e políticas LGBTQI+ organizadas. Importante ressaltar que o pesquisador mantinha um roteiro de questionamentos abertos pré-estruturados para auxiliar na incitação das conversas e fazer surgir problemas a serem pensados sobre as vidas dos colaboradores como homossexuais, mas, no decorrer da conversa livre, muitos outros enfoques, relacionados aos momentos de discussões conjuntas de cada tema, surgiram de forma aleatória.

Assim, construíram-se inúmeros elementos discursivos diferenciados referentes à vida de cada um e suas vivências nas cidades pesquisadas. A cada narrativa estabelecida, outros integrantes das rodas de conversas faziam outros questionamentos ou contribuíam com outro dado, vinculando outras especificidades sobre suas próprias experiências ao ocorrido. Como estávamos em círculos de amizade, muito dos participantes sabiam dos casos relatados por outros e sempre contribuíam mediante suas visões diferenciadas dos fatos (ora concordando, ora discordando, ora promovendo um estranhamento amigável e irônico, como em uma situação de amigos em conversas informais). Isso gerou dinamismos interessantes nas coletas de dados e, em todos os momentos, em que cada sujeito argumentava sobre determinado assunto, ele era interrompido e influenciado por outras formas de se entender na mesma situação vivida. Isso gerou riquezas de detalhes e profundidade de dados a cada assunto discutido.

Este texto versará, especificadamente, sobre as narrativas estabelecidas por dois jovens entrevistados na cidade de Dourados, principalmente no bloco de discussão da roda de conversa no qual discutíamos sobre como foram as experiências estabelecidas para a construção e afirmação da identidade gay entre eles. A primeira

sobre a influência da cantora e *performer* Lady Gaga e a segunda sobre Madonna. A partir disto, começamos a nos perguntar sobre as influências das mídias, dos *shows*, das *performances* de artistas/cantoras famosas em seus clipes na vida de jovens LGBTQI+. Um dos jovens que se disse fã da Lady Gaga argumentou que, principalmente quando morava em Itaquiraí, uma cidade muito pequena no interior do Mato Grosso do Sul, tal cantora, suas músicas, seus *shows* e seus videocliques, representavam um “porto seguro” ou um refúgio de expressão e identificação estético-afetivo-sexual. Em virtude destas declarações, começamos a nos perguntar sobre a relação entre simbologias difundidas por estas cantoras/*performers* e as subjetividades de sujeitos LGBTQI+, principalmente nas trajetórias pessoais de assunção de uma identidade homossexual/gay. Como poderíamos explicar a influência dos fenômenos visuais de suas *performances* na construção de uma identidade gay, principalmente em um período e contexto conturbado de sensibilização de uma sexualidade “diferente” em uma cidade do interior do Brasil? Como isso refletia nas possibilidades de se estabelecerem relações de espaços de sociabilidades dissidentes em contextos de convivências sociais baseadas nos padrões hegemônicos de gênero e de orientação sexual? As discussões apresentadas aqui construirão uma perspectiva teórica que procura explicar estas enunciações estabelecidas no decorrer da entrevista. Nosso método é fazer os recortes específicos das duas enunciações e aprofundar a análise teórica do fenômeno.

IMAGINAÇÃO, DIVAS E IDENTIDADE

O texto de Mira (2014) nos coloca um caminho interessante para entender a relação entre mídia, desejo/sexualidade, identidade do sujeito e sua subjetividade e *performances* de atrizes e atores. Seu texto,

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

embora centrado na análise do cinema, pode nos dar alguma base sobre a relação entre as divas cantoras globais com as subjetividades homoafetivas de jovens homens gays, como as quais nos deparamos no decorrer da pesquisa já citada. O autor propõe três marcos que explicam esta relação: o marco da diferença, o marco do nascimento do desejo e o marco do aprender a ser (a conexão subjetiva com a diva).

O marco da diferença define que a transmissão imagética de um determinado filme/videoclipe que procura enunciar a construção fictícia de uma realidade marginal, tanto nas mídias, em geral, como na própria vivência do cotidiano social. É, neste sentido, que temos uma produção hegemônica midiática de argumentos que repercutem na reprodução de uma sociedade burguesa, patriarcal, familiar, burguesa, branca e heterossexual. Por outro lado, também podemos perceber, principalmente a partir da emergência da MTV e do videoclipe, a partir dos anos de 1980, a explosão de novas imagens produzidas por diretores, produtores, artistas e *performers* que procuram adentrar em um mundo de sujeitos que se encontram discriminados em virtude de suas expressões de desejo, sexualidade, afeto e gostos estéticos e comportamentais divergentes. É, assim, que certas imagens acabam conduzindo a uma identificação forte para/com sujeitos LGBTQI+, como determinadas simbologias trabalhadas imageticamente nas apresentações de certos artistas, atrizes, cantoras, cantores, etc.

Algumas representações artísticas também causam inclinações de desejo sexual e influenciam, assim, na produção de sua identidade, sendo, muitas vezes, marcos dos nascimentos dos desejos e das identidades vinculadas a eles. Para muitos sujeitos LGBTQI+, principalmente os que vivem em cidades pequenas, ou em meios sociais repressivos quanto suas sexualidades, são as imagens de filmes, dos videoclipes e dos vídeos de internet que conduzem, como quase que únicos meios possíveis, suas construções de desejos e de

identidade vinculados. Tais expressões encontram em um “mundo” das imagens (os espaços imagéticos da internet e/ou da televisão) aquilo que é restrito e contido no mundo real dos afazeres cotidianos.

Mira (2014) discute a *performance* homoerótica (não se trata de filmes com temas homossexuais, mas que despertam, pela forma de ação e representação do corpo do ator, um *frisson* homoerótico) do ator Richard Gere em filmes dos anos 80, como “O Oficial e o Cavaleiro” e “O Gigolô Americano”. Finalmente, o estímulo de “aprender a ser” ou uma conexão subjetiva/identitária com a “diva” é a que repercute de forma mais forte na construção do sujeito LGBTQI+. As representações de algumas “mulheres” do cinema e da música geram, além de uma possibilidade de encontro com um mundo de representações e amores contidos no universo feminino, uma capacidade de romper com um código social de conduta e desejo heterossexual, vivido cotidianamente pelas pessoas LGBTQI+. As apresentações, como as das cantoras/*performers* Madonna, Britney Spears, Lady Gaga, por exemplo, se mostram como forças de atitudes descentradas a respeito de um imaginário social construído a partir de rígidos papéis de gênero e sexualidade. Isto produz a capacidade de encontrar-se com a produção de um imaginário que está em desacordo com a realidade das relações sociais vividas por uma pessoa LGBTQI+, mas amplamente mais significativo para si e suas irrupções de desejo e sexualidade.

A partir do debate encontrado em Giddens (1991), Turra Neto (2008) nos permite entender as experiências urbanas da juventude em cidades médias através de um fenômeno desencaixado da realidade local. Muito jovens distantes das grandes metrópoles, em virtude das faltas de formas de consumo relacionadas às práticas culturais mais globalizadas, vivem mais experiências metropolitanas a partir dos espaços midiáticos e virtuais que as próprias formas de sociabilidades

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

concretas locais. Isso se torna facilitado em virtude do dinamismo dos aplicativos e sites de internet, nos quais tais jovens se sociabilizam em largas distâncias vinculando-se a formas de representações estéticas de artistas da música, dos filmes e animações, de aplicativos de jogos e grupos virtuais como plataformas específicas do Youtube. Por outro lado, para aqueles jovens nos quais suas diferenças identitárias são ainda mais difíceis de serem vividas nas realidades de cidades menores, como jovens estigmatizados devido suas escolhas estéticas específicas, suas interseccionalidades de renda, raças, gênero e orientações sexuais discriminadas, as experiências urbanas ainda podem ser mais desencaixadas por não conseguirem, efetivamente, se socializar. Isso tende a gerar vínculos com espaços midiáticos virtuais e de longas distâncias ainda mais intensos, como é o caso do encontro dos jovens de Dourados com as expressões da cantora Lady Gaga e seu clube de fãs *Little Monsters* pelo mundo afora. Isso se torna uma forma de contornar a vida solitária vivida nas pequenas cidades.

É, neste sentido, que temos uma primeira possibilidade de construção de uma identidade gay como um território imaginário/imagético vinculado aos lances produzidos em *performances* instaurados em videocliques/filmes/*shows* gravados de divas da música como Madonna e Lady Gaga. Este território encontra-se descentrado de um espaço social cotidiano heterossexual e de determinados binarismos de gênero e sexualidade, mas aplicam-se diretamente as necessidades de “encontro” com outras expressões de desejos, de estéticas e de comportamentos que se querem semelhantes. A identidade (GIDDENS, 2002) é sempre uma construção subjetiva/pessoal que apresenta reflexos de aprendizados com os outros, sendo construída socialmente. Em contextos de ausências de outros que expressam outras diversidades sexuais, as imagens descentradas das sexualidades hegemônicas implicam tomadas de identificações

imediatas para os jovens LGBTQI+ e apaziguamentos de períodos de sofrimentos e confusões sobre aspectos identitários que explicam seus desejos.

A construção da identidade homossexual, segundo Troiden apud Silva (2003), implica um desenvolvimento em quatro estágios: a) a sensibilização, quando acontece o processo de marginalização em relação à expressão de alguns elementos diferenciados do sujeito, principalmente alguma dissidência das conformidades dadas aos gêneros; b) a confusão, quando o sujeito subjetivamente encontra-se confuso quanto às revelações dos seus desejos e os processos de imposição social sobre a normalidade heterossexual e o desvio homossexual, gerando experiências sexuais-afetivas difusas e processos de encobrimento e aceitação difícil da sexualidade; c) identidade, quando o sujeito aceita-se finalmente e se identifica a outros como homossexual, sendo reforçado pelos processos de socialização com outros sujeitos homossexuais, nos quais grupos, namorados e lugares de sociabilidade tornam-se importantes a este processo; d) compromisso, que implica uma defesa de si e de outros sobre o reconhecimento das homossexualidades, denotando o repúdio de investimentos ofensivos contra a liberdade de sua expressão e a assunção de uma defesa de sua integridade identitária.

Os processos de formação da identidade homossexual implicam a possibilidade de formação de grupos de sociabilidade, muitos destes inseridos socialmente em virtude da organização de um mercado LGBTQI+ urbanos, geralmente concentrados em grandes cidades, mais desenvolvidos em relação aos serviços urbanos para a diversidade, em virtude de seu cosmopolitismo. Mesmo pensando que as trajetórias pessoais são diversas, assim com as táticas são muito diferentes quanto às realidades e possibilidades de experiências sexuais em diferentes contextos urbanos, os jovens LGBTQI+ de pequenas cidades

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

apresentam maior dificuldade de socialização e um sentimento de solidão em meio a uma normatização social mais rígida. Em virtude das táticas de encontros com as diversidades sexuais serem mais difíceis, o estágio de confusão sobre sua sexualidade torna-se mais longo e agudo. Por outro lado, estas táticas acabam encontrando um apego a certas construções imaginárias, muitas vezes relacionadas a um processo solitário de conversa entre si e a imagem que se forma além da realidade próxima.

O que observamos é que em cidades médias alguns estabelecimentos comerciais de diversão noturnas possibilitam a intensificação de sociabilidades LGBTQI+, assim como podemos perceber, também, o fortalecimento de organizações coletivas militantes em prol dos direitos às diferenças de gênero e de orientação sexual. Mas quanto menor a cidade, maiores as dificuldades para estas formas de sociabilidade. Por outro lado, devido seus maiores alcances em diferentes contextos urbanos, as mídias (internet), atualmente, possibilitam que certas expressões tidas como contestatórias as realidades sociais, determinadas pela padronização dos papéis de gênero e pela heterossexualidade compulsória, sejam mais amplamente divulgadas (claro que como estratégia de mercado). As *performances* de divas da música *pop*, que apresentam simbologias, posturas e expressões de reconhecimento das liberdades das diversidades sexuais, torna realidade à possibilidade de existência de uma identidade pessoal homossexual. É, assim, que nosso entrevistado de Dourados, que antes habitava a pequena cidade de Itaquiraí, vê os trabalhos midiáticos de Lady Gaga como um “farol” que sinaliza a existência de uma identidade. Sua solidão, quanto à sua sexualidade divergente do contexto social, e sua confusão sobre si mesmo, são resolvidas quando os atributos dos clipes da cantora/*performer* apresentam-se aos seus olhos.

O trabalho de Lady Gaga, por exemplo, contra o *bullying* e em prol das diversidades de expressão estética tidas como “estranhas” (PINTO, 2014), possibilita a construção pessoal de uma afirmação identitária, relacionada à organização de uma comunidade imaginária (*little monsters*³ ligados por todo mundo, em virtude das redes de comunicação, motivados pela expressão “estranha” da *mother monster* ou Lady Gaga), na qual jovens LGBTQI+ acabam sentindo-se seguros para demonstrarem publicamente suas diferenças de sexualidade e de estética em diferentes meios sociais. Interessante se pensar o caráter social do “estranho” e do “estranhamento”. De acordo com Fortuna e Silva (2002), a cidade contemporânea é campo de um sistema complexo e plástico de referências, transmissões e articulações simbólicas. O excesso de significados das coisas e lugares gera dificuldades em classificá-los, evidenciando a constante formação de categorias compostas, tanto identidades, como expressões artísticas, literárias e concepções de tempo e espaço. Esta diversidade e mistura de expressões culturais causa a produção de relações sociais movidas pelo “estranhamento” (BAUMAN apud FORTUNA; SILVA, 2002, p. 452), que modifica aquele clássico processo identitário de reconhecimento dos “iguais” e de negação em relação aos “diferentes”, ou seja, a noção de alteridade. A visualização de “outros” que são compósitos, ou seja, que estão imersos nessa miscelânea cultural ou que concretizam a formação de uma terceira cultura, remete a uma dificuldade de classificá-lo como diferente, como inimigo e com descrédito. Lady Gaga torna explícita a ideia do “estranho” em seu próprio corpo nas *performances* que exerce (em seus shows e seus videocliques). Propositalmente, mistura elementos simbólicos e produz uma estética confusa em termos de

3 Nome dado a comunidade de fãs da cantora Lady Gaga no site *littlemonsters.com*. A palavra monstro repercute a ideia do estranho, como possibilidade de identificação destas diferenças. Em relação a esta comunidade seria uma possibilidade de existência monstruosa, dissidente, além, por exemplo, das cisheteronormatividades.

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

determinações rígidas de fixas de seus significados. Muitas vezes chega até escandalizar os parâmetros convencionais nos circuitos de premiações da música internacional. A proposta da cantora é a produção de uma estética não convencional e perturbadora aos padrões normativos contidos no próprio cenário da música pop. Com isso, ela procura representar todos(as) aqueles(as) seguidores que são identificados como diferentes e dissidentes de padrões normativos contidos nas relações sociais comuns, principalmente os(as) jovens que sofrem por não se adequarem a tais normatividades. Neste sentido, a cantora torna-se representante daqueles(as) não reconhecidos(as) efetivamente em suas identidades compósitas tidas como “estranhas”, porque não seguem a compreensão efetiva de determinados padrões comuns e hegemônicos condizentes aos espaços de relações sociais institucionalizadas.

Por outro lado, os trabalhos de Brown (2013), Miranda (2012) e Duggan (2002), apontam para um processo de “homonormatização” das socialidades homoafetivas em cidade grandes, vinculadas aos processos de padronização estética e comportamental de um mercado LGBTQI+ e dos avanços da construção de uma cidadania “homossexual”. Segundo estes autores, os estabelecimentos de serviços de diversão para LGBTQI+, em grandes cidades, tendem apontar para um padrão de expressão homossexual de classe média/alta, cujos inseridos são somente sujeitos homoafetivos esteticamente condizentes com o mercado da moda, cujas expressões são mais rigidamente ligadas aos padrões de masculinidade normativas (pouco divergentes dos tradicionais padrões estéticos de gênero tradicionais), cuja capacidade de consumo se adequa a uma definição rígida de “bom gosto estético” e cujas expressões de afetividade adequam-se a manutenção da monogamia e do casal romântico homoafetivo. Isto tende hierarquizar diferentes expressões contidas no mundo LGBTQI+, tornando-as

divergentes, dentro de um “mundo” também tido como divergente, expressões estéticas de outros padrões de consumo, certos corpos dissidentes do padrão de masculinidade sadia (do corpo “sarado” de academia, ou muito musculoso, e altamente masculinizado) e certos comportamentos sexuais dissidentes da normalização do casal romântico homoafetivo, como o comportamento aberto às experiências sexuais fugazes, determinado pejorativamente como promiscuidade.

Neste sentido, o jovem LGBTQI+ não consumidor, cujo corpo não é adequado à masculinidade artificial dos exercícios de academia e dos suplementos alimentares, cujas experiências sexuais buscam a instabilidade do experimento, também se torna um “estranho” no mundo homonormativo. Assim como o jovem da cidade pequena, este jovem LGBTQI+ da grande cidade apega-se na afirmação dessa condição de “estranho” através das táticas informais de acesso ao mercado midiático das grandes divas da música *pop*, como Lady Gaga, e afirma-se como homossexual; mais do que isto, como “estranho homossexual” frente à rigidez de contextos tanto heteronormativos como homonormativos. Cass (apud PEREIRA; AYROSA; OJIMA, 2006, p. 4), fala sobre isto como a produção de um “auto-conceito, como um conjunto de sentimentos e pensamentos que o sujeito tem de si próprio”. O autoconceito de *monster* implica uma afirmação identitária homossexual, em contextos rigidamente heteronormativos, e uma afirmação identitária de “homossexual estranho”, em contextos rigidamente homonormativos.

A respeito disto, Misoczky et al. (2011), mostra o conflito estabelecido entre padrões de consumo e estética homonormativa e jovens LGBTQI+ estranhos e divergentes a estes padrões no Centro Comercial Nova Olaria Center, em 2005, na cidade de Porto Alegre, RS. Neste contexto espacial, jovens LGBTQI+ não-consumidores, que apresentavam

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

diversidades de expressões estéticas dissidentes, são expulsos pela ação de policiamento privado, mediante estratégia da direção do centro comercial, que buscava “proteger” outros consumidores locais, principalmente sujeitos homoafetivos consumidores, “bem vestidos” (de acordo com os padrões da moda), masculinos, cujas expressões de afetividade adequavam-se as boas maneiras de um casal monogâmico. Muitos destes próprios sujeitos homoafetivos se escandalizavam e repudiavam a presença das diversidades LGBTQI+ não consumistas no local, como uma afronta aos seus padrões de comportamento (COSTA, 2008).

GEOGRAFIA E ESTÉTICA DISSIDENTE

Maffesoli (2005) argumenta que a estética hoje se apresenta além do espaço da arte, como instância de sobrevivência ao real, ao cotidiano e ao sujeito. A arte, segundo o autor, implica, na atualidade, um campo existencial, nos quais os sujeitos, imersos por um conjunto de imaginações, representam, agem e transformam suas vidas e suas implicações diárias. A teoria do autor é denominada de “formismo”. Por este viés, a forma é a condição mais fácil de observar: é o que se coloca aos olhos, ou a interação “aqui e agora” (no espaço e no presente), que nos coloca frente a um conjunto de situações inusitadas e incompreensíveis. No paradigma estético de Maffesoli (2002), esta situação inusitada colocada aos olhos dos sujeitos comuns mobiliza um gosto estético e uma sensibilidade de partilha de admirações que não é lógico: estão contidas nas experiências das psiques individuais condicionadas as memórias adquiridas no presente e no espaço “comunitário”. Esta memória sensível é admirada pelo sujeito que se coloca na forma e esta (partilha coletiva e experiência sensível) produz as condições do corpo do sujeito (traços físicos e formas de se apresentar, de pensar e de avaliar a si mesmo e os outros).

A estética é um campo simbólico apresentado, representado, formado e formador de sujeitos e suas ações. Ética e estética implica um campo de ação cotidiana, como “forma de formar” e “forma de agir” (BAKHTIN apud FEIBER, 2013), respectivamente. A relação existencial se estabelece na capacidade de reprodução, reinvenção, aprimoramento e absorção das formas de apresentar-se (estética), contidas em diferentes espaços de comunicação coletiva (mídias, imagens, processos diversos de divulgação simbólica/estética), na vida dos próprios sujeitos, que conformam seus corpos, seus adereços e *performances* cotidianas. A forma formante das existências materiais/corporais cotidianas abarca signos de processos de ação: o apresentar-se estético que enuncia uma forma (estética), enuncia também uma maneira de agir (ética).

Esta relação simples e importante entre ética e estética, em uma relação entre enunciados simbólicos de espaços (o que poderíamos remeter as esferas artísticas e midiáticas tratadas aqui) com a existência prática dos sujeitos, já fora trabalhada pela Geografia em Buttner (1982) e Dardel (2011), indicando que as subjetividades geram produções materiais estéticas e ações na construção do espaço geográfico, coletiva e individualmente. Para Buttner (1982), o espaço geográfico, supostamente objetivo (o que pressupõe matéria observada empiricamente), é uma abstração ou uma formação semiotizada dada pela subjetividade daquele(a) que o experimenta (sendo a localização do presente ou, por exemplo, o pensamento em memória). Em Dardel (2011), por exemplo, o espaço (físico) é produzido pelas experiências cotidianas (ações práticas) e estas só podem ser explicadas/expressas em termos de linguagem. A linguagem que explica objetivamente o espaço no contexto das práticas comuns dos sujeitos é, na verdade, um sistema de elementos simbólicos criados e inerentes à cultura. Neste sentido, as formas de agir (éticas) e formas de se apresentar

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

(estéticas) implicam formações simbólicas atribuídas pelos sujeitos em seus contextos de significados atribuídos à linguagem. O “percorrer” o espaço (o que pressupõe uma ação e determinações sobre “como” e “de que maneira” se age, ou seja, as éticas), assim como o “explicar” o espaço (o que pressupõem um discurso sobre as formas que aparecem aos olhos e são interpretadas pelo o que o sujeito concebe inserido em uma cultura, ou seja, o estético) estão relacionados com o que se aprendeu em relação a tal espaço, no âmbito da cultura. Na verdade, tanto Buttner quanto Dardel não discursaram sobre os imperativos estéticos trazidos das mídias e suas perspectivas simbólicas formadoras das realidades empíricas das existências dos sujeitos no espaço social, mas suas inclinações de debate sobre as condições simbólicas da linguagem e de como ela cria as realidades espaciais são louváveis para se entender o contexto atual. As realidades são construídas pelas subjetividades imersas entre experiências trazidas de universos simbólicos paralelos contidos, por exemplo, nos videocliques de cantoras como Madonna e Lady Gaga, assim como tantos outros eventos e contextos midiáticos produzidos imagetivamente.

Sahr (2007), evidencia esta questão na atenção dada aos “EspaçosMundos”, cujos sujeitos em ações coletivas e individuais, construídas através de um campo de interpretações (inter)subjetivas simbólicas, constroem diferentes espacialidades. Estas espacialidades construídas no campo da ação simbólica são emergentes por formas de apresentar-se diferenciadas em campos espaciais de interação e intersubjetividade que transformam o espaço banal cotidiano. Estas formas de apresentarem-se e formas de agirem diversas implicam táticas (DE CERTEAU, 1994) que acionam atos e dados simbólicos, transitando “entre” o espaço construído e fazendo definir-se outras condições de espacialidade (material e simbólica, ligadas diretamente as intersubjetividades dos sujeitos). Os “EspaçosMundos”

de Sahr (2007) não são realidades objetivas, mas as interfaces criadas entre experiências espacial dos sujeitos e suas ações e de como eles interpretam estas existências a partir das representações e simbologias mobilizadas “ao se ver”, “ao se sentir” e “se estar”. Para se pensar sobre o agir humano, então, existe a necessidade de se refletir sobre questões relativas às culturas e as identidades, porque estas implicam um campo de intencionalidades envolvidas por elas e seus campos simbólicos, que produz uma duplicidade entre significante e significado, mas também sobre a própria materialidade vivida na objetividade da presença e da ação.

A “nova Geografia Cultural” (CLAVAL, 2001), procura compreender estas novas ordens de espacialidades construídas por uma relação imbricada entre subjetividade, construções simbólicas coletivas inusitadas e pouco duráveis, formas de agir e estéticas existenciais de sujeitos em divergência com a construção também estética, simbólica e conformadora de ações de um espaço banal, cuja técnica unificadora torna-se corpo do cotidiano (SANTOS, 1996). Temos, assim, formas de apresentar-se e formas de agir que produzem espacialidades divergentes daquelas técnicas unificadoras das ações e objetos cotidianos. Novas marcas objetivas e simbólicas e novas táticas de ação se movem sobre um espaço preexiste (DE CERTEAU, 1994), burlando-o, modificando-o sutilmente. Estas outras formas de agir e estas conformações estéticas são reconstruções de processos divergentes contidos em diferentes esferas de produção imaginária, que liga arte, cinema, religião, mídia, música, movimentos sociais e mercado cultural em diferentes escalas e diferentes formas de apresentar-se no cotidiano e realidade dada. A marcação se estabelece pela necessidade de construir uma existência material simbólica, de forma intersubjetiva, que produza a emergência de necessidades, desejos e gostos marcados pela marginalidade em um campo de padrões de apresentação, ação e conformação social.

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

Os processos imbricam existências e subjetividades locais com redes de produções imagéticas não-locais. Os processos simbólicos ligam pessoa e subjetividade com outras escalas de um mercado cultural global, pelas vias do entretenimento, como a exposição do corpo, as predisposições pessoais e os escândalos sociais dos próprios artistas, muito ligados/identificados com um segmento social e sua existencial cotidiana marginal. A obra é aberta, segundo Bakhtin (1997), e por ela se estabelece uma relação entre seu autor e seus observadores, não sendo uma abstração seus elementos simbólicos, mas um campo que se pratica no cotidiano.

Utilizando-se do método dialógico de Bakhtin (1997), podemos perceber que as obras artísticas, arquitetônicas, linguísticas, performáticas e midiáticas transmitem formas significantes que são subjetivadas pelos indivíduos, nos quais objetivam seus mundos por formas de interpretações que os tornam consistentes de significados relacionados aos seus “eus”. Estabelece-se, assim, uma ligação simbólica entre o artista, a obra, o sujeito e o mundo existencial. As imaginações subjetivadas pelos sujeitos produzem consistências simbólicas para entender seus “EspaçosMundos” e criar outros por meio de imbricações coletivas de outras formas de relações dialógicas estabelecidas com outros sujeitos. É assim que podemos entender a geração de significado na existência dissidente de um jovem LGBTQI+, quando se inspira subjetivamente em relação aos trabalhos performáticos contidos em videoclipes de Madonna ou Lady Gaga e objetiva suas formas de apresentar-se (corpo/estética) e suas forma de agir (ética/comportamento) no mundo ao seu redor. Estabelece uma ligação existencial entre artista, obra, sujeito e mundo existencial, em uma condição de reconhecimento de uma condição dissidente de um corpo social hegemônico/hegemonizado.

Cassirer (2001) nos mostra isto introduzindo a ideia de mito, como um modo de significação ou uma forma ou um modelo cultural a ser seguido.

Segundo Cassirer, a ação de propagação de mensagem produzida pelo mito através também dos ritos, como “uma experiência limítrofe, dotadas de questões que acionam efemeridades e permanências; apreensão e acaso” (GEENEP apud LIMA; SOARES, 2014, p. 2), gera um campo de significação do próprio espaço existencial dos sujeitos. É, neste sentido, que os mitos e os ritos apresentam um conjunto de valores e formas simbólicas que permite o sujeito se apresentar e se representar no mundo imediato, gerando significados pessoais que colaboram para se entender e entender seu cotidiano, tanto num sentido de convergência como de divergência entre sua subjetividade e as hegemonias contidas no campo simbólico-social. A partir dos signos produzidos por atividades ritualísticas e míticas diversas, vide ritualizações e mitologias produzidas hoje pelos mecanismos de comunicação, que o mundo adquire maior consistência de significados, podendo ser inteligível ao sujeito perdido e confuso de sua existência. Assim, como a religião permite este processo de apreensão da realidade a partir do espiritual, às imagens e imaginações contidas nas produções artísticas/simbólicas/performáticas de cantoras da música podem permitir que sujeitos LGBTQI+ compreendam sua existência divergente em um mundo heteronormativo, gerando um impulso para construção de sua identidade como expressão de uma diversidade sexual que luta por reconhecimento.

As expressões destes processos remetem a uma condição de produção de espacialidades que cruzam subjetividades, arte e mídia globais, reconhecimento existencial na esfera cotidiana e processos de ressignificação coletiva via construção de (micro) territorialidades como “metáforas dissidentes do social” (FORTUNA, 2012). As apreensões de novos significados produzidos por imagens e imaginários midiáticos dissidentes em condições existenciais de confusão identitária reprimidas por modelos de sexualidade

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

hegemônicos, geram outras formas de agir e de se apresentar em meio ao espaço social, que acabam reconstruindo este espaço pelas vias de apropriação estética e comportamental como uma ação coletiva da diversidade (COSTA, 2010). A isto se concebe o trabalho dos jovens *monsters*, inclinados a miscelânea simbólica divergente da cantora Lady Gaga, que permite uma relação direta significativa com seus observadores que ressignificam estes códigos em suas ações cotidianas, como uma afronta tanto em meio de construção social hétero como homonormativa. Estas construções simbólicas e imaginárias permitem uma força identitária individual e coletiva que promove “fraturas” como sociabilidades dissidentes na vivência do espaço social. Novas espacialidades se produzem assim.

Butturi Junior (2010) desenvolve uma análise sobre o trabalho midiático de Madonna a partir da obra de Foucault (2009), que diz respeito ao processo de “dizer verdadeiro” que se divide em epistemológico (condicionada ao formalismo do dizer verdadeiro) e aletúrgico (que se refere ao sujeito que a diz). A *parrêsia* aproxima-se de uma ética do sujeito no sentido do cuidado da distinção entre verdadeiro e falso e a relação do próprio sujeito com a transmissão de uma verdade. Butturi Junior (2010, p. 27-28) descreve o discurso verdadeiro a partir da obra de Foucault, que pode se organizar como a: do profeta, que não representa a palavra do sujeito, mas sim uma ferramenta de mediação com o divino; o do sábio, que é desobrigada e representa uma descrição neutra do mundo; do professor, que implica uma aproximação com a tradição; e a do parresiasta, que implica a transgressão da ordem e se liga a subjetividade e a alteridade reconstruindo formas de subjetivação.

Neste aspecto, o dizer verdadeiro do parresiasta se aproxima da necessidade de romper com unidade das técnicas, das hegemonias e das tradições, aproximando-se da alteridade social na constituição da

polissemia simbólica de constituição do mundo e de espacialidades de existência individual e coletiva. O parresiasta cínico apresentaria o discurso da verdade numa intercalação entre vida de verdade e estética de existência, forma de apresentação do discurso de verdade. Neste sentido, para Foucault (apud BUTTURI JUNIOR, 2010), a *parrêsia* cínica irá representar uma teatralização corajosa e escandalosa do existir em vistas a transformação da estrutura estabelecida. É, neste sentido, que o autor discute as intervenções do trabalho de Madonna na construção de um dizer da verdade em relação à *parrêsia* cínica. Dessa forma, o discurso apresenta a necessidade de ser construído no “lugar-outro” e não no lugar da tradição e da hegemonia, conforme o autor.

A polissemia de espacialidades pode ser percebida neste sentido, principalmente quando Gomes (2002) nos propõe duas matrizes espaciais para entender o espaço social: o “nomoespaço” e o “genoespaço”. O discurso sobre o nomoespaço propõe a produção estética de objetos recheados de simbolismos e representações que se propõem ordenadoras da diversidade social e unificadora hegemônica da sociedade, ou seja, que conforma o agir e a apresentação dos sujeitos numa perspectiva da tradição e da normalização. O discurso sobre a verdade do genoespaço implica uma exposição estética teatralizada que apresenta um compromisso com a diversidade de proposições de ser e existir no espaço. Assim, desenvolvem-se os discursos políticos, arquitetônicos, artísticos, planejadores e acadêmicos. Aqueles que se ocupam com a *parrêsia*, comprometem de forma corajosa suas imagens e posições frente às redes de poderes dominantes, em prol da relação da produção estética relacionada diretamente com a diversidade do viver.

A respeito de Madonna, Butturi Junior (2010) nos deixa uma dúvida de entendimento sobre suas ações performáticas que,

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

ao mesmo tempo, estão ligadas a sua ética de existência profana como a um simulacro de relação contratual em vista a emergência de um mercado novo. Concordamos que se referem em ambas as dimensões. A teatralização calculada mercadológica produziu o ícone *pop* Madonna, segundo mediações de propensões nomistas, de emergência de um novo mercado cultural que se unifica pela exploração da diversidade. Por outro lado, sua ética e estética propagou-se perante uma diversidade de sujeitos marginalizados, que emergem a partir de vínculos simbólicos da intensa exposição de seu corpo e de suas ações. O corpo de Madonna se torna político (LIMA; SOARES, 2014), no sentido de uma política de emergência da diversidade marginal. Assim segue o trabalho de Lady Gaga, em uma misto de simulação mercadológica e aproximação direta com diversidades de existência que podem se representar, se apresentar e agir na produção de novas espacialidades.

Muitas destas novas espacialidades repercutem numa reverberação do mercado de consumo urbanos com uma indústria cultural polissêmica pós-moderna, mas são nessas novas oportunidades que táticas se movem entre estratégias dominantes, acabam sendo absorvidas pelas próprias redes hegemônicas e reproduzem-se como limiares da unicidade dos estranhos em termos globais. Mas tudo são experimentos e efemeridades, em virtude da contestação que também atinge os projetos de hegemonia e que são interessantes para os espaços de libertação. Enquanto Madonna representou um projeto de libertação das diversidades sexuais, absorvida pela simulação do mercado, a continuidade do processo, como em Lady Gaga, transmite uma abertura dos estranhos e um aprofundamento do discurso sobre as hierarquizações e diferenciações regidas pelas intersecções de identidade subalternizadas. Novas simbologias são constantemente trocadas entre expressão estética e simbólica do artista e vida real,

sendo sempre absorvidas, mas também sempre transgressiva na constituição dos valores hegemônicos. É por isto que as espacialidades são condições híbridas entre as matrizes de genoespaço e nomoespaço que as formam, em constante transformação. É assim que os lugares são dinâmicos e em constante produção, como um conjunto de “estórias até agora” (MASSEY, 2009), produzidas pelo encontro de seus sujeitos relacionais, munidos de uma polissemia simbólica que liga vida real, subjetividade, mercado cultural global e produção de informação.

“APRESENTA-AÇÕES” DE MADONNA E LADY GAGA: TROCAS SIMBÓLICAS PARA EMERGÊNCIA DE DIVERSIDADES SEXUAIS E A FRATURA DO ESPAÇO ESTRATÉGICO MACHISTA E HETERONORMATIVO

O texto de Lima e Soares (2014) nos convida a pensar as diferentes formas ritualísticas contidas nas *performances* de Madonna e as mensagens que produzem sentidos de transformação ao social. A análise dos autores centra-se na questão do “rito”, como uma lógica de construção de valores sociais (uma novela, um videoclipe, a mídia do futebol, podem produzir valores diferenciados), que gera a oportunidade de expressão de novos sujeitos “ritualizados” (na troca entre imagem ritualizada e aproximação ao existencial), num entrelaçamento entre empiria e simbolismo (a vida real sendo produzido pelo imaginário, o imaginário provindo de uma experiência empírica). Os sucessos de cantores/as, *performers* e atores/atrizes hoje não somente advém de sua arte musical, mas do engajamento político que possibilita uma troca linguística inteligível com a realidade social. Madonna concentrou em seu corpo performático as angústias de sujeitados pela cultura dominante heteronormativa e machista, abordando temas como liberação sexual do feminino e da

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

comunidade gay, transmitindo em seus *shows* e clipes a possibilidade livre de expressão do desejo da mulher, a possibilidade de subverter as fronteiras do poder masculino, a proposta de transgressão das barreiras estéticas de expressão de gênero, as questões relacionadas ao racismo e o poder da religião.

[...] Madonna é um corpo político que constrói lugares discursivos para uma idéia de feminino ligada a problemática de cada época: em 1987, a jovem tendo que lidar com a pílula anticoncepcional, as premissas da gravidez na adolescência; em 1990, a sexualização do corpo, o sexo sem culpas, os trânsitos entre gêneros (masculino e feminino); em 1993, a culpa, o medo, a proteção, a vigília do corpo face a AIDS (LIMA; SOARES, 2014, p. 5-6).

Kellner (2001) observa que isto também se agrega a uma estratégia de nicho de mercado típicas dos modos de produção flexível emergente nos anos de 1980 (BENKO, 1996) e do capitalismo cultural pós-moderno (JAMESON, 1991). As construções simbólicas enunciadas nas *performances* de Madonna “casam” com uma diversidade de problemas reais emergentes em cada época e isto gera uma admiração consumista que permite o estabelecimento da cantora no mercado fonográfico e na lotação de seus shows. A estratégia de mercado é eficiente e gera lucro, apresenta um conjunto de simulações, mas também, na realidade, produz em muitos sujeitos uma resposta simbólica de interpretação de seus problemas diretos e uma sensação de saída da solidão existencial em meio a um espaço normativo que a marginaliza. A crítica mercadológica existe na construção e reconstrução das possibilidades de ganho de atores hegemônicos globais pelo viés da comercialização cultural e dos problemas sociais. Por outro lado, em uma perspectiva fenomênica e existencialista, as capacidades de ancoragem política existencial das diversidades

de problemática dos sujeitos sociais é uma realidade a se constatar. Vide o caso mais atual dos nossos entrevistados imersos em situações sociais de marginalização e poucas possibilidades de expressão em cidades do interior do Estado do Mato Grosso do Sul, nos quais as únicas possibilidades de diálogo simbólico sobre suas vidas, tidas como transgressivas aos padrões hegemônicos, são as suas emoções e suas tomadas de autoconceituação positiva sobre suas sexualidades e expressões divergentes contidas no contato visual e fonográfico com as *performances* de artistas como Madonna e Lady Gaga.

A expressão forte de “poder” sexual feminino contido no clipe da música “Hung up” de Madonna fez que, em 2005, nosso entrevistado se sentisse bem em expressar com alta auto-estima uma estética e um comportamento tido como “escrachado” aos padrões de cidades pequenas e médias do interior do Mato Grosso do Sul. Permitiu a sua masculinidade não hegemônica e seu comportamento transgressivo a produção de uma fratura as condições simbólico-sociais hegemônicas relacionadas aos bons padrões de comportamento heteronormativo, familiar e machista de cidades do interior. Em seu discurso, os elementos simbólicos contidos em clipes como este o fizeram emergir como sujeito consciente de seus desejos homoeróticos e sujeito que poderia romper com esquemas estéticos rígidos de expressão de gênero e de sexualidade heterossexual dominantes. Segundo nosso entrevistado, a partir deste contato, ele passou a não ter mais receio de expressar afetividade com namorados na rua, assim como suas formas de vestir e seus gestos eram afirmados como atos de rompimento consciente das determinações normativas binárias de gênero no espaço social. Esta força de comando de seu próprio corpo gerou represálias sociais, como discriminações de rua, mas também construiu uma série de outros cenários interacionais, nos quais suas *performances* de corpo eram aceitas e até admiradas. Gabou-se em poder contribuir com

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

estas novas formas de reconhecimento estético de transgressão de gênero e de formas de expressão de sexualidade em certos meios sociais de cidade do interior do centro-oeste do Brasil. Frisa ele: “isto é uma política do dia-a-dia”. Esta política do cotidiano é gerada por interações mercadológicas, mas elas não são apolíticas, são repletas de produções simbólicas marginais, na proposta de romper valores dominantes de uma época, na emergência da polissemia de expressões dos diferentes sujeitos sociais.

A força política não está presente somente numa capacidade de transgressão dos valores contidos numa ordem existencial, ela representa a tomada de uma comunidade que emerge não cimentada empiricamente, mas imaginariamente. A visibilidade de uma arte que expressa um valor positivo as transgressões da realidade hegemônica, permite a tomada de consciência sobre outros, em outros lugares, cujas existências imaginadas se cruzam com a escala empírica/local. Por uma ideia de força política de aproximação a uma vanguarda de relações existenciais fora da realidade direta, os sujeitos fraturam o “nomismo” local. Isto dá condições a emergência de alteridades que se cruzam também localmente, na construção do reconhecimento de si mesmo, implicando relações entre forças simbólicas imagéticas, comunicações imaginárias extra-locais, interpretações das realidades diretas, ações objetivas individuais de fraturas das condições existenciais hegemônicas e busca de comunitarização local para pontuação política de uma realidade ampliada de novas formas de expressão.

Podemos atentar um pouco sobre o disco “Erótica” de Madonna, de 1992, o livro “Sex”, as *performances* contidas no show “The Girlie Show”, que esteve Brasil em 1993, e o filme “Corpo em Evidência”. Este período representou uma confusão dentro do mercado cultural, nos quais as apresentações da artista geraram uma série de críticas

sobre sua vulgaridade e sobre o conteúdo pornográfico em suas aparições. Neste momento, ela se transforma em transgressora do universo *pop* e se utiliza de uma relação ambígua de erotismo e pornografia para subverter a ordem do discurso sobre as éticas e estéticas das sexualidades limpas e ordenadas, apresentando-se como porta-voz de outro discurso, que procura dizer que a “obscenidade está em não observar o quão invertidos estão nossos conceitos em relação à verdade das questões” (BUTTURI JUNIOR, 2010, p. 35). Ou seja, esta mensagem está clara na *performance* da música “Justify my love” no show “The Girlie Show”, nos quais a beleza estética das representações da sociedade burguesa na moda, na apresentação do corpo, na sutileza dos gestos, contrasta com o que se faz realmente nos bastidores destas apresentações não verdadeiras. A *performance* da música implica a apresentação de um cenário de belas vestimentas, de gestos delicados, de bons costumes sobre si e os outros, de pudor e bons hábitos que contrasta com a confusão e a transgressão à tomada principal, que se observa parcamente quando uma cortina se sobrepõe sobre seus dançarinos (a orgia sob a cortina está instaurada). Em outro momento do show, após a música “Deeper and deeper”, Madonna e seus dançarinos simulam uma orgia que mistura sexo homoerótico e heteroerótico. É a explicitação dos diferentes fluídos desejos em relação a diferenciados corpos. Na música “Fever” ela coloca em questão o sexo interracial, evidenciando a verdade sobre a subversão das fronteiras dos desejos que ligam diferentes racialidades, em meio a uma sociedade construída sobre fronteiras raciais (as contradições entre o dizer e o fazer em termos de sociedade racista).

Butturi Junior (2010) questiona se esta é uma tentativa de produção de uma ação vinculada à *parrêsia* cínica nos moldes de Foucault. O autor argumenta que Madonna começa a ser chamada pela mídia como louca, como uma doença social, como paria (AMBORRELLI, 2003). O

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

autor conclui que, em certo ponto, Madonna implica um caráter de subversão da ordem dada pelo desrespeito público. No entanto, ela não se exclui de um mundo dado e a disciplina de sua transgressão implica um retorno ao dispositivo da sexualidade por uma nova geração de mercado de consumo. O fato que, na época, as subversões contidas nas *performances* de Madonna geraram um apego emocional e uma admiração que agregou um sentido de possibilidade a um conjunto de práticas existenciais tidas como bestiais. Àqueles cujas práticas sexuais eram tidas como pervertidas, sujas e promiscuas, elas se tornaram evidentes: elas existem sim e são realidades marginais. Por outro lado, àqueles outros que as definem como desviantes, reproduzem, assim, uma ordem do discurso que não é, em si, verdadeiro, mas parte de uma força de normalização invertida.

A limpeza da sexualidade é um *nomos* invertido que produz uma minoria que realmente vive a verdade das instabilidades e diversidade da sexualidade humana. O discurso da sexualidade sadia é uma representação da não verdade que fantasiosamente hierarquiza socialmente uns e outros. Àqueles que produzem o discurso da pornografia, da promiscuidade são mentirosos em relação as suas próprias práticas que se escondem “atrás das cortinas”. Um poder de contestação dos discursos sobre uma falsidade dos discursos sociais se instaura, dando poder para a exploração sobre a própria verdade do social. Qual a posição daquele que emite o discurso sobre a verdade sobre a sexualidade? A verdade sobre a sexualidade representa uma meta ou um padrão a ser seguido? Aqueles que transmitem um discurso de limpeza de controle da sexualidade seguem qual projeto discursivo? Àqueles que se dizem precursores da verdade sobre a sexualidade dos outros dizem a verdade sobre si mesmos? Produz-se uma ruptura sobre as hegemonias sociais sobre a sexualidade e expressão estética, transmitindo uma capacidade verdadeira de se

tornar claras as verdades sobre as vivências práticas não normalizadas das transgressões dos parâmetros de gênero, de desejo e de práticas sexuais.

A ação do *parresiasta* não é efetivamente os trabalhos das divas como Madonna e Lady Gaga, mas como elas repercutem no espaço vivido de sujeitos que não encontram um espaço simbólico para se significar e tomar uma atitude de contestação estética e ética (apresentações e ações sociais de resistência). O *parresiasta* é o sujeito social LGBTQI+ em sua luta cotidiana de reconhecimento social sobre sua diferença de desejo e comportamento cotidiano. A formação *parrêsia* se apresenta num contato entre ator/atriz e sujeito social inspirado por ele/ela, em um projeto social de resistência sobre normalizações contidas no cotidiano social. Não se apresenta como uma *parrêsia* em si, como uma vida fora do “social”, mas um conjunto de *performances* contestatórias que transitam por entre as normalizações e hegemonias do cotidiano, ao mesmo tempo se alimentando delas para promover sorrateiramente um conjunto de pequenas transformações que irão se acumular. Em algumas situações espaço-temporais se evidenciam formas-ações transgressoras, como a “fechação” ou ação/comportamento/apresentação que rompe os padrões morais, as estéticas e papéis de gênero e sexualidade no cotidiano, evidenciando o “escandaloso”, o imoral, o errado, o pornográfico, o bestial, na ligação entre a representação do artista e a apresentação do sujeito identificado como ele. Em outras, estas supostas transgressões são “territorializadas” em um espaço de arte alternativa e em um “gueto” de possibilidades restritas cotidianas de expressão na vida social. O mercado se mistura a isto se aproveita de nichos de consumo, outras vezes nega isto porque os próprios nichos de consumo não abarcam a todos, produzindo normalizações múltiplas daquilo que se pretende hegemonicamente como alternativo.

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

Aparrêsia é um híbrido do conflito que se estabelece comercialmente, artisticamente e cotidianamente entre transgressão, contestação, normalização e reificação. Estas formas/ações de *parrêsia* encontram-se em situações (formas espaço-tempo estéticas-éticas singulares) híbridas, contento tanto àquilo que oprime, quanto àquilo que liberta, porque nada é totalmente opressor e nada é totalmente transgressor. As transformações sociais andam em múltiplo, híbrido e constante processo diário de avanço e normalização. Por outro lado, se olharmos pela lupa, fenomenologicamente, a vida dos sujeitos sociais e seus espaços cotidianos de interação, as possibilidades de transformação se tornam gritantes em seu intelecto e sua subjetividade. Quando o sujeito jovem, homem gay, nos diz que “Lady Gaga me salvou”, o momento espaço-tempo de reinvenção identitária dele, comparado com as poucas possibilidades de libertação contida no espaço social, pode ser considerado uma revolução de vida, uma tomada de posicionamento consciente sobre si, os outros e o espaço social como um todo. Este sujeito sozinho não tem voz social, mas suas ações e apresentações repercutem aqui e acolá, gerando reverberações importantes na condição nomista de um dado cotidiano.

Em relação a Lady Gaga, sua interpelação a respeito da exploração sobre o “estranho” permite ampliar-se os universos de representação sobre as apresentações dos diferentes sujeitos sociais. Abre-se a uma nova política das intersecções identitárias que permite observar as hierarquizações diferenciadas no seio das convivências cotidianas entre grupos marginalizados e a atenção singular a certos tipos de expressões alternativas promovidas pelos processos de exploração de nichos de mercado. Em primeiro momento, acompanhando o pensamento de Pinto (2014), suas apresentações são estranhas e não *sexys*. Lady Gaga, segundo Soares (2010), usa noção de monstruosidade para contrapor a existência do mau, do feio e do disfórico para refutar o estabelecimento

do bom, do belo e do eufórico. Segundo Pinto (2014), o que a difere de Madonna é a exploração da androginia, o que nos permite entender a ascensão das intersecções e confusões sobre a identidade, talvez se aproximando de uma perspectiva *queer*. Lady Gaga se realiza e realiza simbolicamente seu corpo em uma representação de diferentes estigmas estilizados, tornando uma alternativa a arte que implica uma relação direta com os “monstros” desviantes tidos como descapacitados da realidade cotidiana. O alcance é um cotidiano de realmente poucas oportunidades de socialização, também entre esquemas de consumo e discursos estéticos hierarquizantes existentes às condições atuais homonormativas dos lugares de consumo LGBTQI+.

No clipe de “*Bad Romance*”, Gaga evidencia um romance ruim, conflituoso, doente, afastando-se da realidade romântica como discursos dominante social, procurando a verdade das condições difíceis dos relacionamentos na atualidade. No clipe “*Thelephone*”, questões de transexualidade, da miscelânea de representação de múltiplos gêneros e uma certa representação do aprisionamento da “mulher desviante” (o clipe passa-se em uma cadeia onde mulheres apresentam-se diferentes sexualidades e *performances* de gênero) é colocada em evidência. Em “*Alejandro*” a androginia pontua a representação de diferentes masculinidades e diferentes papéis sexuais e afetivos entre homens e entre homens e mulheres. Finalmente, em “*Born this Way*”, uma série de simbologias aponta para a liberdade do feminino e das diferentes sexualidades, como a livre exposição do triângulo rosa em passagens do clipe, assim como a música repete diferentes vezes “eu nasci assim”, tornando-se um ícone expressivo da possibilidade de nascimento e existência social e uma população de *little monster* (Lady Gaga expressa fortemente este nascimento como um conjunto de reproduções de si mesma, *mother monster* dos estranhos do mundo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de pesquisa aqui demonstrada revelou a forte influência da arte *pop* de cantoras e *performances* como Madonna e Lady Gaga na vida cotidiana de jovens LGBTQI+. Procuramos teoricamente esclarecer a verdade desta relação entre esferas de produção midiática da música *pop* com as tomadas de entendimentos sobre si e o mundo de sujeitos de diferentes sexualidades marginalizados socialmente. Condições espaciais tanto heteronormativas como homonormativas hierarquizam e marginalizam sujeitos LGBTQI+. Devido estas condições, as representações imaginárias da arte *pop* contribuem para as afirmações de identidades dissidentes perante os outros sujeitos sociais hegemônicos. Ocorre, assim, uma interação simbólica entre esferas midiáticas, subjetividades marginalizadas, mundo cotidiano e pequenas políticas de luta pelo reconhecimento.

As produções simbólicas contidas nas *performances* de determinadas cantoras, como Madonna e Lady Gaga, encontram uma real importância para a produção de identidades de determinados sujeitos marginalizados. Estas artes se realizam nos cotidianos pelas explorações dos nichos de diferença e, assim, se produzem seus sucessos de mercado. Por outro lado, além de uma visão crítica sobre exploração consumista, existem realidades empíricas de conduções de processos de socializações e sociabilidades pelas lutas políticas pelo reconhecimento de sujeitos estigmatizados. A partir destes potenciais de conexões imediatas entre as interpelações transgressoras, contidas entre determinadas simbologias transmitidas pelas *performances* destas artistas, e a existência de subjetividades reprimidas, marginalizadas e excluídas socialmente, são construídas ações táticas para espacializações das diferenças sociais no cotidiano, que questionam a ordem e a normalização instaurada e fraturam as contingências do espaço social.

A Geografia se estabelece na relação entre: 1) a esfera enunciativa simbólica de divulgação midiática global, contida em um espaço representativo destas artistas; 2) a esfera subjetiva de existência de uma solidão cotidiana de determinados sujeitos estigmatizados em um espaço de relações sociais normalizadas e produzidas hegemonicamente (nomoespaço); 3) o espaço de objetivação das diferenças munidas de novas interpretações sobre si, sobre os outros e sobre aquilo que os oprime, condicionadas a relação direta sobre as simbologias transgressivas emanadas das *performances* destas artistas; 4) a produção de novas táticas discursivas, de novas formas de se apresentar e de agir no espaço social, provocando fraturas à normalização existente (genoespaço); 5) a produção de “comunitarismos” globais, criados pelas/sob as representações e/ de identidades de grupos de “estranhos” e seus sofrimentos gerados pelas condições sociais significativas dos seus estigmas, ligados, então, pela rede de produções simbólicas daqueles para quem as *performers* falam (o exemplo da *mother monster* e a emergência dos estranhos ou *little monsters*, representados, por exemplo, no clipe “*Born this way*”); 6) irrupções e fraturas espaciais coletivas dadas pela capacidade de formações intersubjetivas que compartilham discursos, estéticas e formas de agir “estranhas” pelas cidades, ou novas microterritorialidades que transformam fragmentos do espaço social em novas lugarizações, trajetos e circuitos, tanto vinculados a novas formas de consumo, mas, principalmente, as novas formas de se mostrar e de agir entre a normalização do espaço social.

A crítica sobre este mercado cultural é clara. É um mercado de exploração de novos nichos de significação e formas de identidade, que reproduzem muito capitais. Mas existe um lado prático da/sobre vida, que somente os sujeitos são capazes de expressar. Existe o “outro lado da moeda” deste processo: a importância da expressão deste mercado

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes

Benhur Pinós da Costa

cultural para a construção da pessoa como sujeito de si, sujeito de seus gostos e desejos, atuante como forma ativa de transformação, em diferentes contextos sociais. Acontece, assim, uma reversão da ordem imaginária e da ordem da realidade (ambas reversões de ordens simbólicas), de subjetivação e de derivação objetiva desta subjetividade contestadora. Estas reversões se apresentam importantes como construtoras de posicionamentos positivos dos sujeitos sobre si, sobre as realidades normativas do espaço social e sobre as necessidades de resistência em busca da autorealização, como sujeitos portadores de discursos que se pretendem reconhecidos coletivamente. Estes processos apresentam-se importantes como construtoras de fraturas no espaço social normalizado (nomoespaço) e emergência das novas espacialidades (genoespaço). ©

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENKO, Gavin. **Economia, Espaço e Globalização**: na Aurora do Século XXI. São Paulo: Hucitec, 1996.

BROWN, Gavin. Pensando além da homonormatividade: explorações performativas de economias gays diversificadas. **Revista Latino-americana de geografia e gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, 2013.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio Carlos (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

BUTTURI JUNIOR, Atílio. Madonna, a parrêsia, o simulacro. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2010.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, Benhur Pinós da. A condição homossexual e a emergência de territorializações. 2002. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

COSTA, Benhur Pinós da. Por uma Geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade. 2008. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

COSTA, Benhur Pinós da. O espaço social, os sujeitos e as múltiplas microterritorializações urbanas. In: PEREIRA, Regina; COSTA, Benhur Pinós da; SOUZA, Edson Belo Clemente (orgs.). **Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 99-114.

COSTA, Benhur Pinós da Costa. Espaço urbano, cotidiano, cultura e espaços de proximidade: o caso das microterritorializações de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs.). **Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na Geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011. p. 147-166.

COSTA, Benhur Pinós da. Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santo Angelo e Cruz Alta-RS. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, 2012a.

COSTA, Benhur Pinós da. Pequenas cidades e diversidades culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das microterritorializações homoeróticas de Santa Maria, Bagé, Alegrete, Uruguaiana e Itaqui. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, 2012b.

COSTA, Benhur Pinós da. Família e Espaço Geográfico: a especificidade da Família Lavinsky em Vitória da Conquista-BA. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, 2017.

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes

Benhur Pinós da Costa

- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EdUFSC, 2001.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DUGGAN, Lisa. The new homonormativity: the sexual politics of neoliberalism. In: CASTRONOVO, Russ; NELSON, Dana. **Materialising Democracy**: towards a revitalized cultural politics. Durham, NC: Duke University Press, 2002. p. 175-194.
- FEIBER, Silmara Dias. O espaço estético como expressão social na arquitetura jesuítica – uma abordagem geográfica. 2013. 296 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFPR, Curitiba, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Le courage de la vérité**: le gouvernement de soi e des autres II, cours au Collège de France. Paris: Gallimard, Seuil, 2009.
- FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 409-461.
- FORTUNA, Carlos. (Micro)territorialidades: metáfora dissidente do social. **Revista Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, 2012.
- GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: EdUNESP, 1991.
- GIDDENS, A. **Identidade e modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- JAMESON, Fredric. **O pós-modernismo**: e a lógica cultural do capitalismo avançado. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Mariana Lins; SOARES, Thiago. “Open your Hert to Me”: ritualização midiática e sacralização na performance de Madonna. **Anais...** XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa: INTERCON – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MELLO, João Batista Ferreira de. Valores em Geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttmer. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, 2005.

MIRA, Alberto. Cinefilia Gay y el cultivo del Yo. **Razón Y Palabra** – Arcoíris cinematográfico: personajes, películas e directores. Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey: México, diciembre 2013 – marzo 2014. n. 85.

MIRANDA, Adelaide Calhman de. Anti-urbanismo queer em fun home: uma tragicomédia em família, de Alison Bechdel. **Anais...** III Jornada de estudos sobre romances gráficos. Brasília: UNB, 2012.

MISOCZKY, Maria Ceci; CERQUEIRA, Paulo Rodrigues; CAMARA, Guilherme Dornelas; COTO, Gabriela Cordioli. De Território de Consumo a Território de Luta Pela Livre Orientação Sexual: os conflitos em torno do Centro Comercial Nova Olaria (Porto Alegre). **Anais...** XXXV Encontro da ANPAD. Rio Janeiro: ANPAD, 2011.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, João Pessoa, 2014.

PEREIRA, Bill; AYROSA, Eduardo André Teixeira; OJIMA, Sayuri. Consumo entre gays: compreendendo a construção da identidade homossexual através do consumo. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 2006.

“Lady Gaga me salvou”: música pop, divas, imaginários midiáticos e construção de espaços sociais homossexuais dissidentes
Benhur Pinós da Costa

PINTO, Rafael Mendonça Lisita. A poética dos *estranhos* no videoclipe “Electric Guitar” a partir dos discursos videográficos de Lady Gaga. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, UFG, Goiânia, 2014.

SAHR, Wolf-Dietrich. Signos e Espaço Mundos – a Semiótica da Espacialização na Geografia Cultural. In: KOSEL, Salette; SILVA, Josué; GIL FILHO, Sylvio. (Org.) **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. p. 57-79.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Adriana Nunan Nascimento da. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

SILVA, Joseli Maria. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias Subversivas – Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidade**. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009. p. 115-134.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Dos espaços interditos à instituição dos territórios travestis: uma contribuição das geografias feministas e queers. **Terra Livre**, v. 2, n. 35, São Paulo, 2010.

SOARES, Thiago. Lady Gaga Não é Madonna (Embora a Mídia Queira que Seja): Notas sobre Mitos Geracionais, Ídolos Pós-Modernos e Monstruosidades. **Anais... XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Campina Grande: INTERCON – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

TAMBORRELLI, John Randall. **Uma biografia íntima: Madonna**. São Paulo: Globo, 2003.

TURRA NETO, Nécio. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade. **Tese** (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2008.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-83.

Submetido em Março de 2020.

Revisado em Maio de 2020.

Aceito em Junho de 2020.